

FE-Faculdade de Educação



Filosofia, ciencias e letras.

n.13(1951)



050 (81) 7
n.º 13

(81.61)4

filosofia, ciências e letras

FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo



13

OUTUBRO 1951



05(81.6)4

“Muitas vezes, o homem julga-se conduzir quando está sendo conduzido...”

“O mal que praticamos não nos acarreta tanta perseguição nem tanto ódio quanto as nossas boas qualidades.”

“Pode-se ser mais esperto do que alguém, mas não mais esperto do que todos.”

O Significado das Ciências Sociais no Mundo Moderno ⁽¹⁾

PROF. FLORESTAN FERNANDES

Quase todos os senhores, que vêm estudar nesta Faculdade, possuem uma noção bastante clara do objeto das ciências naturais e das disciplinas linguísticas ou literárias. Principalmente, sabem (ou presumem saber), para que elas "servem" e o que elas "significam" quando consideradas em relação aos móveis intelectuais ou práticos de nossa vida cotidiana. Todavia, poucos são aqueles que saberão para que "servem" e qual é o significado das ciências sociais no mundo moderno. Embora não me seja possível explorar um tema tão vasto em uma curta exposição, gostaria pelo menos de atrair a atenção e a curiosidade dos senhores para o segundo tema, ou seja: o significado das ciências sociais na vida moderna.

Eu sei que cada um dos senhores já travou conhecimento, no mínimo com dois tipos de explicação das origens das instituições sociais e das causas das perturbações na organização das sociedades. Refiro-me às explicações oferecidas por nossa *cosmologia popular* e pelo *socialismo*. A primeira abrange tanto as explanações bíblicas, quanto as representações contidas nas fábulas, nos contos, nas lendas ou em outros ramos do nosso folclore. O segundo constitui um programa político e uma concepção do mundo, cujo desenvolvimento (em sua "forma moderna"), remonta aos fins do século XVIII e aos começos do século XIX.

As relações entre as ciências sociais e êsses dois tipos de explicação da vida humana são naturalmente diversas. As ciências sociais nascem em um momento que o folclore, como tãda a "cultura popular", entra em colapso. As condições e os fatores sociais que explicam seu aparecimento, ligados com o desenvolvimento das indústrias e dos grandes centros urbanos, são também as condições e os fatores sociais que explicam a desintegração da "cultura popular". As ciências sociais e a cosmologia popular representavam, na civilização a que pertenciam, os dois polos extremos de um processo sociocultural: o fim de uma "fase" ou "época" e o começo de outra. Por isso, elas se opunham tão radicalmente entre si, enquanto formas de concepção do mundo, como se opõem o tradicional ao racional e o sagrado ao secular.

Não obstante as explicações (ou justificações) da cosmologia popular relativas à vida em sociedade, criaram sérios entraves e "obstáculos culturais" ao progresso das ciências sociais. Comumente, a essas explicações ou justificações se associam atitudes de indiferença pela aplicação do método científico ao estudo dos fenômenos sociais. Trata-se, no fundo, de uma resistência passiva, nascida da incapacidade de entender o significado das ciências sociais, para a qual os pesquisadores logo descobriram neutralizantes eficazes. Mas, os mesmos preconceitos motivaram atitudes de resistências abertas, muito mais temíveis, pois chegaram a invadir o próprio campo da interpretação científica dos fenômenos sociais.

Uma de suas consequências tem sido a criação de ambientes desfavoráveis à pesquisa e ao ensino das ciências sociais, concebidas como fontes de preocupações inúteis, dispendiosas e até contraproducentes. Outra de suas consequências se evidencia nos argumentos empregados por "pessoas cultas" (muitas vezes intelectuais de renome e de responsabilidades), à crítica do emprêgo de noções como *religião*, *moral*, etc. ao estudo dos chamados povos primitivos. Por fim, outra consequência, a mais sensacional de todas: não foram poucos os especialistas levados por seus preconceitos, que tentaram defender "cientificamente" hipóteses falaciosas. Doutro lado, reações de defesa geralmente interferem na elevação da potencialidade obstrutiva desses preconceitos. Muitas vezes, o exercício do poder por parte de uma camada ou grupo social repousa no tipo de aceitação dos valores sociais que justificam ideologicamente o seu poder. Toda tentativa de consideração racional de valores dessa espécie, mantidos como sagrados ou veneráveis, passa a ser encarada como inconveniente e, mesmo, como perigosa. Por isso, durante muito tempo as ciências sociais foram repelidas em vários círculos sociais (e ainda hoje o são em alguns), como uma forma de transgressão à ordem legítima. Entenda-se que elas não só foram reprovadas; foram também temidas e perseguidas. Não passará despercebido o fato de que semelhante exploração do método científico animava inquietações e favorecia o alargamento da autonomia intelectual.

O socialismo, por sua vez, se confunde em suas origens com as próprias ciências sociais. Ele não só foi engendrado pelas situações histórico-sociais que produziram as ciências sociais, como representou desde o início uma tentativa de consciência crítica das condições de existência social nas sociedades capitalistas. Aderiu assim ao paradigma fornecido pela *ciência positiva*, ao ideal de explicação científica dos fenômenos de vida, inclusive os da vida em sociedade. Operou-se, todavia, com relativa rapidez, um processo de precipitação de valores, o qual provocou dois resultados distintos: prevalectimento progressivo das "normas de ação" e das "técnicas de agitação" sobre as "preocupações teóricas"; a formação de um ideal de labor científico em que acabaram predominando, gradualmente, as imposições do método científico e da ética profissional (no que elas não contradiziam de modo flagrante, é obvio, os princípios socialistas, como o atestam as investigações de vários autores, desde Marx a Tonnies, Sombart e Mannheim, sendo que este sómente em alguns de seus trabalhos). Graças a esse processo é que surgiram as condições intelectuais favoráveis seja ao desenvolvimento do socialismo como "doutrina" ou filosofia política, como preferem designá-lo alguns especialistas, seja à contribuição efetiva de seus adeptos ao estudo científico dos fenômenos sociais.

Transformando-se em "doutrina" ou "filosofia política", o socialismo ganhou em coerência, quanto à integração dos seus princípios políticos em um sistema; ganhou também em consciência e na definição de seus fins e meios de ação, quanto à organização partidária. Mas, em consequência, perdeu a possibilidade de manter-se como fonte de conhecimentos científicos autênticos. Toda doutrina se encerra sobre si mesma, em maior ou menor grau. O socialismo não se fechou completamente sobre si mesmo; porém, a partir dos meados do século XIX, sua renovação se circunscreveu, quase que de modo completo, à esfera propriamente política.

Por aqui se poderia explicar, segundo suponho, dois fenômenos muito importantes, que exprimem muito bem o quanto se transformaram, nas últimas oito décadas, as relações entre o socialismo e as ciências sociais. De um lado, com excepção de alguns ensaístas ingleses, o que se apresenta comumente nas obras de propagação do socialismo como "teoria" para explicar a natureza humana, a integração e o funcionamento das instituições sociais, a atuação dos fatores socioeconômicos da mudança social é algo tão envelhecido ou incompleto, em nossos dias, que por si só não lembraria nenhuma pretensão revolucionária. O mais conservador dos professores em uma das mais reacionárias universidades européias ou norte-americanas vai obrigatoriamente muito além da exposição da teoria geral de qualquer uma das ciências sociais. De outro lado, a maior parte dos socialistas se recusa a tomar conhecimento dos resultados alcançados pelas ciências sociais em nossa época. Formulas sintéticas de alcance universal, algumas de caráter axiomático, mas também muito vagas do ponto de vista científico, servem como ponto de referência para o julgamento sumário das descobertas obtidas através das novas pesquisas.

O que nós sabemos a respeito do desenvolvimento do socialismo, obriga-nos a supor que êsses dois fenômenos estão estreitamente ligados à transformação do socialismo em "doutrina". O fato, porém, é que essa situação surpreendente faz com que as ciências sociais encontrem obstáculos onde seria de esperar o contrário.

Essas reflexões sugerem que a incorporação do pensamento científico pelo socialismo foi transitória. A complexidade dos problemas sociais que caíram sob a crítica dos primeiros autores socialistas e a falta, na época, de uma teoria, científica para as explicar, compeliram-nos a lançar mão, por conta própria, do método científico. Essa necessidade desapareceu no mundo moderno. Não só as ciências sociais acumularam razoável conjunto de conhecimentos sobre as sociedades em que vivemos e outras com que entramos em contacto, mas ainda existem especialistas e instituições capazes de organizar pesquisas sociais sobre problemas particulares. O panorama, portanto, mudou radicalmente na passagem do século XIX para o século XX. Se se acentuarem as tendências ao planejamento econômico e social, como está acontecendo através das experiências socialistas contemporâneas, a própria construção do socialismo dependerá também da contribuição das ciências sociais e do modo pelo qual esta contribuição fôr aproveitada.

Presumo que os senhores ficaram desapontados com o desfecho desta parte da discussão. Sem ser brilhante, parece que consegui demonstrar que os dois tipos de explicações do social (a cosmologia popular e o socialismo), com que os senhores entraram em contacto antes de vir para esta Faculdade, não iniciam realmente os senhores no domínio do conhecimento científico dos fenômenos sociais. Se esta exposição não

tivêr nenhum outro mérito, terá certamente este: o de indicar claramente qual o caminho a seguir para a aquisição desses conhecimentos, supondo que os senhores já descobriram, por iniciativa própria, o meio adequado... Contudo, resta-me ainda a tarefa de assinalar, em linhas gerais, que êsses conhecimentos se ligam tanto aos nossos problemas mais imediatos, quanto às nossas preocupações e anseios mais íntimos.

Como os senhores devem ter percebido, esforcei-me por mostrar, indiretamente, que um dos nossos problemas mais sérios não é o de definir ou o de acentuar o caráter "científico" de movimentos políticos; mas, o de estabelecer as condições para o aproveitamento dos conhecimentos científicos no campo das relações humanas de um modo geral, inclusive em consequência no que concerne aos movimentos políticos. Os acadêmicos (sejam economistas, sociólogos ou etnólogos), revelam, em regra, grande timidez no tratamento desta questão. Todavia, o melhor seria seguirmos as normas do pensamento racional, enfrentando-as com decisão e integridade intelectuais.

Isso se torna tanto mais necessário, quanto a época em que vivemos é época de crises e de convulsões sociais. Alguns sociólogos e educadores pensam que o nosso dilema número um seria, então, o de preparar as gerações novas para uma "civilização em mudança". Como diagnóstico, interpretações dessa espécie possuem, sem dúvida, algum valor. Seria um eufemismo, porém, pretender reduzir o significado e os efeitos das revoluções que estão se operando atualmente, quer sob os ideais do socialismo, quer sob os reivindicações dos movimentos nacionalistas, a uma ficção, ainda que essa fôsse uma ficção científica.

São inúmeros os problemas sociais que atraem a atenção dos especialistas nesta conjuntura. Em tôdas as sociedades, as gerações novas sempre recebem, na herança social que lhes é transmitida, soluções para situações sociais que constituíram problemas sociais no passado, e situações sociais para as quais não foram descobertas soluções, e que constituem por sua vez problemas sociais a serem enfrentados. A herança social dos senhores é muito rica; ela traz consigo os benefícios, os refinamentos e os valores de longos séculos de vida social e de civilização. Em compensação é penoso o tributo que os senhores terão que pagar ao futuro, pois é soberba a sobrecarga de problemas sociais.

Longe de mim a idéia de dar um balanço a êsses problemas. Os senhores os conhecem ou, melhor, os sentem: o que já é uma maneira de experimentar ou de conhecer. Mas preciso referir-me, pelo menos, a quatro grupos de problemas sociais. Em primeiro lugar, estão os problemas sociais que vêm de um longínquo passado. São os produzidos pela forma atual de organização da família, da propriedade e do estado, alguns dos quais agitaram o liberalismo desde o século XVIII e para os quais o socialismo procura, há mais de século e meio, uma solução. Em segundo lugar, estão os problemas sociais que resultam das condições imediatas de existência social no *campo* e na *cidade*. A industrialização e a urbanização (desenvolvimento dos centros industriais e urbanos e seus efeitos sociais), destruíram ou transformaram instituições ou estruturas sociais em que repousava, antigamente, o equilíbrio nas sociedades ocidentais. A êsse conjunto, pertencem os problemas sociais que os sociólogos estudam no campo da "patologia social", como a desorganização da personalidade, a desorganização da família, as discriminações raciais e étnicas quanto às suas consequências sociais, a delinquência, o alcoolismo, a prostituição, o pauperismo, etc... Em terceiro lugar, estão os proble-

mas sociais que resultam das tensões e conflitos internacionais. No mundo contemporâneo, com a integração econômica e política de blocos nacionais, essas tensões e conflitos nos afetam, muitas vezes, tão diretamente, quanto as tensões e conflitos de ordem interna, domésticos. Por fim, em quarto lugar, estão os problemas sociais provocados pela utilização das técnicas baseadas em descobertas científicas. Esses problemas apresentam uma extensa magnitude de variação, indo das complicações introduzidas na organização da produção agrícola ou industrial pela técnica científica, até as controvérsias de âmbito internacional, como acontece no momento com a bomba atômica, por exemplo. Em síntese, a ciência também contribui para convulsionar o mundo moderno.

Como os senhores mesmos poderão inferir desse sumariíssimo esforço, o mundo em que vivemos possui uma face atormentada. De nada (ou quase nada), nos tem valido, no entanto, as técnicas tradicionais de manipulação dos problemas sociais. Elas só conseguiram nos livrar de uma parcela mínima de preocupações, mas em escala por assim dizer psicológica (solução dos problemas de determinadas pessoas, graças ao modo de utilização dessas técnicas). Elas falharam completamente na manipulação dos problemas sociais considerados em sua escala de "massa", como fenômenos de estrutura social.

Ora, essa é uma tarefa "prática" que naturalmente cabe às ciências sociais. A elas compete descobrir os conhecimentos, que permitem encarar cientificamente os problemas sociais e construir as técnicas racionais para a sua manipulação e tratamento prático. Em suma, fornecer conhecimentos e meios científicos de tratamento dos problemas sociais é uma das funções das ciências sociais no mundo moderno.

Mas, ao lado dessa função, existe outra, presumivelmente ainda mais importante, tendo em vista sua conexão com a alienação da personalidade. Como os senhores sabem, no mundo social sobre cujos escombros nasceu a nossa sociedade industrial e urbana, o conhecimento recíproco e a tradição continuam os elementos de referência de ação social e da conduta humana. Com a transição para a vida social urbana, porém, esses elementos foram substituídos por outros: a organização grupal em termos de interesses e a propaganda. Por isso, na sociedade em que vivemos conhecemos poucas pessoas intimamente e participamos ou tomamos atitudes diante de *movimentos sociais* movidos apenas por "rumores", notícias, "manifestações", etc..., que se infiltram em nossa mente de fora para dentro, por meio de contactos eventuais com pessoas que não conhecemos ou que conhecemos mal, do jornal, do rádio, etc...

Essa situação, que me dispense de descrever aqui de maneira completa, deu origem a pessoas, grupo de pessoas e a técnicas sociais cuja função é a de "manipular a opinião pública para determinados fins". Assim, sob o disfarce de motivos ideológicos, de fins altruísticos, de realizações econômicas, etc., são organizados movimentos sociais que arrastam em seu bojo pessoas que poderiam ser qualificadas de "inocentes" (com relação à consciência dos fins reais dos movimentos de que participam ou ao qual aderem, é claro). Às vezes, um restrito grupo de pessoas *manobra* à vontade dezenas, centenas e até milhares ou milhões de "inocentes". É extremamente difícil para os inocentes, dadas as condições modernas de existência social, descobrir por própria conta o que se passa. A maioria só o consegue tarde demais, tendo em vista os prejuízos morais e materiais que podem ter sofrido.

E' preciso ressaltar que esse não é um processo localizado, êle ocor-

re em tôdas sociedades modernas, em maior ou menor escala. Todavia, a descoberta da técnica pelos políticos e sua exploração para fins eleitorais ou revolucionários, criou uma situação que constitui uma perene fonte de perigos para a segurança, a integridade e a liberdade da pessoa humana. O nazismo e o fascismo, por exemplo, ilustram muito bem até onde podem chegar tais perigos.

Isso significa que no mundo contemporaneo, a necessidade de maior e mais eficaz aproveitamento das ciências sociais se estende do campo da "aplicação" ao da "educação". Através do ensino das ciências sociais poderemos preparar as gerações novas *para viver em segurança e em liberdade*; pois é da aquisição dos conhecimento por elas obtidos que dependem cada dia que passa de modo mais acentuado, as possibilidades de conduta racional. Atenção, contudo: não é por tornar mais sábias as pessoas nem por diminuir o numero dos "inocentes" que o ensino das ciências sociais seria algo decisivo para a nossa civilização. Há outra implicação ainda mais profunda e importante em jogo: é que o ensino das ciências sociais desempenharia um papel construtivo no estabelecimento do equilíbrio, rompido brutalmente, nas relações entre o indivíduo e o grupo, fornecendo assim novas bases para a decisão e a deliberação individuais. Quem é capaz de discernir os fins reais de um movimento social, também está moralmente capacitado para uma escolha consciênte, em função dos próprios interêsses ou ideais.

Esta é outra alteração do panorama tradicional. Até bem pouco tempo, a influência socialista mantivera na sociologia a seguinte presunção: "sômente quem quer algo socialmente, vê algo sociologicamente". Tomando-se em consideração as condições de existência social no mundo moderno, poderíamos completá-la, adiantando que a presunção alternativa não é menos verdadeira: "Sômente quem vê algo sociologicamente, quer algo socialmente". De fato, é de esperar-se que a educação pelas ciências sociais crie personalidades mais aptas à participação das atividades políticas, como estas se processam no estado moderno. E' sabido que o exercício do poder político por pequenos grupos ou por minorias, tiranicamente ou não, contra a vontade da maioria, é possível onde os controles pessoais da vida pública são insuficientemente desenvolvidos ou tem sua atuação frustrada por meio da violência, da coação ou da corrupção. A desobstrução do horizonte intelectual e a libertação dos efeitos sedativos da propaganda (é também da tradição, nas esferas em que esta consegue preservar sua influencia), parecem ser condições primárias para a formação de controles pessoais da vida pública, em sociedades de organização político-social democrática.

Acredito que as duas funções indicadas, revelaram aos senhores para que "Servem" as ciências sociais. E, principalmente, qual é o significado delas no mundo moderno. Não me resta senão dar por terminada a minha tarefa e desejar aos senhores que sejam bem sucedidos em nossa Faculdade.

(1) Aula inaugural do Curso de Férias do Departamento de Cultura do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, proferida no dia 15 de dezembro de 1950.